

Louise Doughty

UMA ESCOLHA IMPERFEITA

Tradução de Geni Hirata

Rocco

Para começar do começo – na verdade, começou duas vezes. Começou naquele frio dia de março, na capela de St. Mary Undercroft, no Palácio de Westminster, sob os santos afogados, santos queimados e santos sob todo estado de tortura. Começou naquela noite, quando levantei da cama às quatro horas da manhã. Não sofro realmente de insônia. Nunca passei noite após noite revirando-me na cama de um lado para outro, nem passei semanas em um sombrio estado de exaustão, lívida e ansiosa. De vez em quando, vejo-me repentina e inexplicavelmente acordada – e assim foi naquela noite. Meus olhos se abriram, minha mente despertou para a consciência. *Meu Deus*, pensei, *aconteceu...* Repassei mentalmente o que havia acontecido e, a cada vez que o fazia, tudo parecia mais absurdo. Rolei embaixo do edredom, os movimentos pesados, fechei os olhos e imediatamente os abri de novo, sabendo que o sono não voltaria por pelo menos uma hora. Autoconhecimento: é um dos principais bônus da idade avançada. É o nosso prêmio de consolação.

Não existe clareza nem discernimento a essa hora. Apenas o infundável moer e remoer de nossos pensamentos, cada qual mais confuso e tortuoso do que o último. Assim, levantei-me.

Meu marido dormia profundamente, a respiração áspera, ruidosa.

– Os homens podem alcançar um estado vegetativo contínuo durante a noite – Susannah me disse certa vez. – É uma condição médica bastante conhecida.

Assim, levantei-me, deslizando para fora da cama, o frio do quarto gelando minha pele. Peguei meu roupão de lã grossa no gancho atrás da porta, lembrei-me de que meus chinelos estavam no banheiro e fechei a porta atrás de mim, suavemente, porque não queria acordar meu marido, o homem que amo.

Pode não haver nenhuma clareza ou discernimento a essa hora, mas há o computador. O meu fica em um quarto do sótão, com telhado inclinado em um dos lados e portas de vidro que dão para uma pequena sacada decorativa do outro, com vista para o jardim. Meu marido e eu, cada qual tem seu escritório. Somos um desses casais. O meu escritório tem um pôster da hélice dupla do DNA na parede, um tapete marroquino e um pote de argila para clips de papel que nosso filho fez para mim quando tinha seis anos. No canto, há uma pilha da revista *Science*, da altura do tampo da minha escrivaninha. Eu a mantenho no canto para que não desmorone. O escritório do meu marido tem uma escrivaninha com tampo de vidro, prateleiras brancas embutidas e uma única fotografia em preto e branco de um bondinho de São Francisco, *circa* 1936, emoldurado em madeira e pendurado na parede atrás do computador. Seu trabalho nada tem a ver com bondinhos – ele é especialista em anomalias genéticas em ratos – mas ele jamais colocaria a foto de um rato em sua parede, como não colocaria um bichinho de pelúcia em sua espreguiçadeira. Seu computador é um retângulo sem fio, nem acessórios. Suas canetas e papéis ficam todos guardados em um pequeno gaveteiro cinza embaixo da escrivaninha. Seus livros de referência estão em ordem alfabética.

Há algo de prazeroso em ligar um computador no meio da noite. O zumbido baixo, a pequena luz azul que brilha no escuro, o ato e o ambiente repletos da sensação de que outras pessoas não estão fazendo isso naquele momento e que eu também não deveria estar. Depois de ligar o computador, dirigi-me ao aquecedor portátil que fica encostado a uma das paredes – geralmente sou a única pessoa na casa durante o dia e tenho meu próprio aquecedor aqui em cima. Ajustei a temperatura no nível *mais baixo* e o aquecedor fez um clique e um chiado, conforme o óleo em seu interior começou a esquentar. Voltei para a minha escrivaninha, sentei-me na cadeira de couro preto e abri um novo documento.

Querido X,

São três horas da madrugada, meu marido está dormindo no andar de baixo e eu estou no sótão escrevendo uma carta para você – um homem que só encontrei uma vez e que provavelmente jamais voltarei a encontrar. Concordo que parece um pouco estranho escrever uma carta que nunca será lida, mas a única pessoa com quem eu jamais serei capaz de conversar a seu respeito é você.

X. Agrada-me que na verdade seja uma reversão genética – o cromossomo X, como tenho certeza de que você sabe, é o que caracteriza o feminino. O Y é o que lhe dá o maior crescimento de pelos na orelha conforme fica adulto e pode também lhe dar uma tendência para a confusão entre as cores vermelho e verde como acontece com muitos homens. Há algo nisso que também é agradável, considerando-se onde estávamos hoje mais cedo. Nesta noite, exatamente agora, a sinergia está por toda a parte. Tudo me agrada.

Minha área é sequenciamento de proteínas, que é um hábito difícil de largar. Ele se espalha pelo resto de sua vida – a ciência, nesse aspecto, se assemelha à religião. Quando comecei meu pós-doutorado, via cromossomos por toda parte, nos riscos da chuva em uma vidraça, emparelhados e à deriva nos rastros desintegrantes do vapor de um avião.

O X tem tantas funções, meu caro X – desde um filme Triplo X ao mais inocente dos beijos, a marca que uma criança faz em um cartão de aniversário. Quando meu filho tinha mais ou menos seis anos, ele cobria cartões inteiros com Xs para mim, fazendo-os cada vez menores quando ia chegando perto da borda do cartão, para continuar espremendo-os, como se quisesse mostrar que nunca poderia haver Xs suficientes em um cartão para representar quantos Xs havia no mundo.

Você não sabe meu nome e não tenho a menor intenção de lhe contar, mas começa com Y – outra razão pela qual gosto de chamá-lo de X. Não posso deixar de achar que seria decepcionante descobrir seu nome. Graham, talvez? Kevin? Jim? X é melhor. Desse modo, podemos fazer qualquer coisa.

Nesse ponto da carta, decidi que precisava ir ao banheiro, então parei, deixei a sala, retornei dois minutos depois.

Tive que parar naquele momento. Pensei ter ouvido alguma coisa lá embaixo. Meu marido sempre se levanta à noite para usar o banheiro – que homem na faixa dos cinquenta não o faz? Minha cautela, entretanto, era desnecessária. Se ele acordasse e visse que eu não estava

na cama, não ficaria surpreso de me encontrar aqui em cima, ao computador. Sempre dormi mal. Foi assim que consegui realizar tanto. Alguns dos meus melhores artigos científicos foram escritos às três da manhã.

Ele é um bom homem, meu marido, grande, calvo. Nosso filho e nossa filha têm quase trinta anos. Nossa filha mora em Leeds e também é cientista, embora não em minha área; sua especialidade é hematologia. Meu filho, no momento, mora em Manchester por causa do cenário musical, segundo ele. Compõe suas próprias músicas. Acho que ele é muito talentoso – claro, sou sua mãe –, mas talvez ele ainda não tenha encontrado seu metiê. É possível que seja um pouco difícil para ele tendo uma irmã tão acadêmica – ela é mais nova do que ele, embora por pouco. Consegui concebê-la quando ele tinha apenas seis meses de vida.

Mas acredito que você não esteja interessado em minha vida doméstica, da mesma forma como não estou interessada na sua. Notei a grossa aliança de ouro de casamento em seu dedo, é claro, e você notou que eu notei. Naquele momento, trocamos um breve olhar em que as regras do que estávamos prestes a fazer ficavam subentendidas. Eu o imagino em uma confortável casa do subúrbio como a minha, sua esposa uma dessas mulheres esbeltas, atraentes, que aparentam ser mais jovens do que a idade que têm, bem-arrumada e eficiente, provavelmente loura. Três filhos, imagino, dois garotos e uma garota, a menina dos seus olhos? Tudo isso é especulação, mas, como expliquei, sou cientista, e especular faz parte do meu trabalho. Do meu conhecimento empírico a seu respeito, sei apenas de uma coisa. Sexo com você é como ser devorada por um lobo.

Apesar do aquecedor estar na temperatura baixa, o aposento havia se aquecido rapidamente e eu estava começando a ficar sonolenta em minha cadeira de couro acolchoada. Estava digitando há quase uma hora, editando conforme escrevia, e sentia a cabeça pesada, cansada de ficar sentada ereta e cansada do meu tom irônico. Passei os olhos pela carta, ajeitando uma frase aqui e ali, notando que havia dois pontos em que eu não havia sido muito honesta. O primeiro era uma pequena inverdade, um desses atos que tornamos mitológicos para nós mesmos, em que se diminui ou exagera algum pequeno detalhe como forma de abreviar o texto a fim de explicar-se para alguém – objetivando a concisão em vez da fraude. Foi a parte em que aleguei que escrevo meus melhores trabalhos às três da madrugada. Não, não escrevo. É verdade que às vezes eu me levanto e trabalho à noite, mas nunca fiz meus melhores artigos a essa hora. É por volta das dez horas da manhã que trabalho melhor, logo depois do café da manhã de torrada com geleia e uma grande caneca de café puro. O outro ponto em que não fui muito verdadeira era bem sério, é claro. Foi onde me referi ao meu filho.

Fechei a carta, nomeando o arquivo *VATquery3*. Em seguida, o escondi em uma pasta intitulada *LettAcc*. Parei por um instante para me observar nesse pequeno artifício – como fiz quando retoquei o batom na capela. Afundei-me na cadeira e fechei os olhos. Apesar de ainda estar escuro lá fora, podia ouvir um leve chilreado – a abertura otimista dos passarinhos que se alvoroçam e esvoaçam nas árvores ao romper do dia. Foi uma das razões pelas quais nos mudamos para o subúrbio, aquele pequeno coro de pios, embora em poucas semanas eu passasse a achá-lo tão irritante quanto um dia achara agradável.

Um caso isolado, apenas isso. Sem prejuízos. Um episódio. Em ciência, aceitamos aberrações. É somente quando as aber-

rações acontecem com frequência que paramos e buscamos um padrão. Mas a ciência é toda sobre incertezas, consiste em aceitar anomalias. Aliás, são as anomalias que nos criam, vide o axioma *a exceção que prova a regra*. Se não houvesse regra, não poderia haver exceção. Era isso que eu estava tentando explicar ao Comitê Especial mais cedo naquele dia.

Havia neve no ar, é o que me lembro daquele dia, embora ela ainda não tivesse começado a cair. Aquele frio denso e particular que impregna o ar logo antes de começar a nevar – *a promessa de neve*, pensei comigo mesma enquanto caminhava para as Casas do Parlamento. Era um pensamento agradável porque eu tinha botas novas, botas de meio cano, de couro legítimo, mas com um pequeno salto, o tipo de botas que uma mulher de meia-idade usa porque a faz se sentir menos como uma mulher de meia-idade. O que mais? O que foi que chamou sua atenção? Eu estava usando um vestido de jérei cinza, claro e macio, com uma gola. Vestia um casaco de lã ajustado por cima do vestido, preto com grandes botões prateados. Tinha lavado os cabelos: talvez isso tenha ajudado. Eu havia recentemente feito um corte em camadas e colocado luzes amendoadas em meus cabelos castanhos normalmente sem graça. Sentia-me feliz comigo mesma, acho, de uma maneira comum.

Se a descrição de mim mesma na ocasião soa um pouco presunçosa, é porque eu sou – eu era, quero dizer, até encontrá-lo e tudo o que se seguiu depois. Algumas semanas antes, tinha recebido uma proposta de um rapaz com a metade da minha idade – mais sobre isso depois – e isso fizera um bem enorme à minha autoestima. Eu recusara, mas as fantasias que tive durante algum tempo depois disso ainda me mantinham alegre.

Era a terceira vez que eu comparecia diante de um comitê governamental e já conhecia a rotina dos procedimentos – na realidade, eu fizera uma apresentação para eles na tarde do dia anterior. Na entrada da Casa Portcullis, empurrei a porta giratória de vidro e depusitei minha bolsa na esteira rolante da máquina de raios X com um aceno da cabeça e um sorriso para o segurança, observando que eu usara meu volumoso bracelete de prata no segundo dia para garantir que obteria a massagem gratuita. Virei-me para ser fotografada para o *Passe de um dia, desacompanhado*. Como no dia anterior, fiz o alarme do arco soar e ergui os braços para que a enorme policial pudesse me revistar. Como uma mulher patologicamente cumpridora da lei, fico empolgada com a ideia de que eu precise ser revista: ali ou no aeroporto, sempre me sinto decepcionada se não faço o alarme disparar. A policial apalpou cada braço, bruscamente, depois virou as mãos e colocou-as em posição de prece, de modo que pudesse passar as bordas das mãos entre meus seios. O fato de requisitarem uma mulher para isso carrega o ato de implicações. Os policiais masculinos ficam parados, observando, o que, para mim, torna essa revista corporal mais ambígua do que se eles próprios a estivessem fazendo.

– Gosto de suas botas – disse a policial ao apertá-las de leve com as duas mãos. – Aposto que serão úteis. – Ela endireitou-se, virou-se e me entregou o crachá preso a um cordão. Pendurei-o no pescoço, depois tive que me inclinar ligeiramente para a frente a fim de pressioná-lo contra a leitora de códigos de barra que fez o segundo conjunto de portas de vidro se abrir.

Só teria que comparecer diante do comitê dali a meia hora – havia chegado com bastante antecedência para comprar um grande cappuccino e sentar-me sob as figueiras no pátio, a uma

pequena mesa redonda. Espalhei um pouco de açúcar mascavo em cima do café e, enquanto lia as anotações que fizera no dia anterior, comi os cristais remanescentes, lambendo o dedo indicador e enfiando-o no saquinho de papel. Nas mesas à minha volta, havia membros do Parlamento – os MPs – e seus convidados, funcionários públicos, pessoal do serviço de bufê num intervalo de folga, jornalistas, pesquisadores, pessoal de apoio e de secretaria...

Ali estava o dia a dia dos negócios do governo, as rotinas, os detalhes, a cola que mantém tudo unido. Eu estava lá para ajudar um comitê a se pronunciar sobre as limitações recomendadas para a tecnologia de clonagem – a maioria das pessoas ainda acha que isso é que é genética, como se não houvesse mais nada além de experiências de reprodução, quantas ovelhas idênticas podemos criar, ou ratos idênticos, ou plantas. Infinitas culturas de trigo, tomates quadrados, porcos que nunca vão ficar doentes ou tampouco nos fazer adoecer – são os mesmos debates nada sutis que temos há anos. Já haviam se passado três anos desde a minha primeira apresentação a um comitê, mas eu sabia, quando fui convidada a comparecer mais uma vez, que estaria repetindo exatamente os mesmos argumentos.

O que estou tentando dizer é que eu estava de bom humor naquele dia, mas fora isso era um dia bastante comum.

Mas não foi comum, foi? Fiquei lá sentada, tomando meu café, prendendo o cabelo por trás da orelha enquanto olhava minhas notas e, durante todo o tempo, não sabia que estava sendo observada por você.

Mais tarde, você descreveu esse momento com grandes pormenores, a partir do seu ponto de vista. Em determinado mo-

mento, aparentemente, ergui a cabeça e olhei à volta, como se alguém tivesse falado meu nome, antes de retornar às minhas notas. Você se perguntou por que eu fiz isso. Alguns minutos mais tarde, risquei minha perna direita. Em seguida, esfreguei a parte de baixo do nariz com o lado de trás dos dedos, antes de pegar o guardanapo de papel, na mesa, ao lado do café, e assoar o nariz. Tudo isso que você observou de sua mesa, a alguns metros de distância, sentindo-se seguro por saber que eu não ia reconhecê-lo se olhasse em sua direção, porque não o conhecia.

Às 10:48, fechei a pasta, mas não me dei ao trabalho de colocá-la de volta na bolsa, de modo que você sabia que eu estava a caminho de um comitê ou de uma sala de reunião nas proximidades. Antes de me levantar, dobrei o guardanapo e coloquei-o, junto com a colher, no copo de café. Uma pessoa asseada, você pensou. Levantei-me da cadeira e alisei o vestido para baixo, na frente e atrás, com um gesto rápido, como se desse uma escovadela. Corri os dedos pelos cabelos, de cada lado do rosto. Coloquei a bolsa no ombro e peguei minha pasta de arquivo. Quando me afastava da mesa, olhei para trás, apenas para verificar se não tinha esquecido nada. Mais tarde, você me disse que foi desta forma que você soube que eu tinha filhos. As crianças estão sempre deixando coisas para trás, e, uma vez que você desenvolve o hábito de verificar a mesa antes de se afastar, é difícil largá-lo, mesmo quando seus filhos já cresceram e saíram de casa. Mas você não conseguiu adivinhar a idade de meus filhos, você se enganou. Você presumiu que eu os tive mais tarde, quando minha carreira já estava estabelecida, ao contrário de bem cedo, antes de ter começado.

Afastei-me da mesa de café a passos largos e confiantes, segundo você, uma mulher a caminho de algum lugar. Você teve

a oportunidade de me observar enquanto eu atravessava o pátio arejado e amplo e subia as escadas que levavam às salas dos comitês. Minhas passadas eram determinadas, eu mantinha a cabeça erguida, não olhava ao redor enquanto andava. Eu não parecia ter a menor ideia de que pudesse estar sendo observada e você achou isso atraente, como disse, porque isso me fazia parecer tanto confiante quanto um pouco ingênua.

Houve algum sinal, alguma pista, para mim, naquele dia, enquanto tomava meu café? Você quis saber mais tarde, instigou-me a dizer que havia pressentido sua presença, querendo que eu o tivesse notado. Não, não no café, falei, nenhum indício de minha parte. Estava pensando na maneira mais fácil de explicar a um comitê de leigos por que tantos dos nossos genes não funcionam, em oposição à codificação de proteínas. Pensava a melhor maneira de explicar quão pouco sabemos.

Nem uma pista? Absolutamente nenhuma? Você ficou um pouco magoado, ou fingiu que ficou. Como eu poderia não ter percebido você? Não, não ali, eu disse, mas, talvez, quem sabe, eu não tinha certeza, tenha sentido alguma coisa na sala do comitê.

A minha apresentação havia transcorrido conforme o planejado, e a minha manhã já estava chegando ao fim. Eu acabara de concluir a resposta a uma pergunta sobre a rapidez de evolução da tecnologia de clonagem – eles são públicos e registrados, esses comitês de investigação, de modo que têm de fazer as perguntas que representarem as preocupações dos cidadãos. Houve um breve hiato quando a presidente do comitê solicitou tempo para verificar seus papéis a fim de se certificar de que seguira corretamente a ordem das perguntas. Um dos MPs à sua direita – seu nome era Christopher alguma coisa, segundo a placa

de plástico à sua frente – fizera um gesto de frustração. Esperei pacientemente. Servi mais um pouco de água do jarro à minha frente e tomei um gole. E, ao fazê-lo, tomei consciência de uma estranha sensação, um formigamento de tensão em meus ombros e pescoço. Senti como se houvesse alguém extra na sala, atrás de mim, como se, repentinamente, o ar se tornasse denso. Quando a presidente me olhou novamente, eu a vi relancear os olhos além, para a fileira de cadeiras atrás de mim. Em seguida, ela retornou aos seus documentos, erguendo os olhos novamente para dizer:

– Desculpe-me, professora, já volto a falar com a senhora.

Ela inclinou-se para o funcionário sentado à sua esquerda.

Nunca tive uma cátedra na universidade britânica – a única época em que tive esse título foi quando dei aulas nos Estados Unidos por um ano, enquanto meu marido fazia parte de um programa de intercâmbio de pesquisa em Boston. Ela devia ter me chamado de “doutora”.

Virei-me. Nos assentos atrás de mim, em duas fileiras, estavam os pesquisadores dos MPs com seus notebooks e pranchetas, os auxiliares, aqueles que estão lá para aprender alguma coisa que possa ajudá-los a subir a escada da carreira. Então, em minha visão periférica, vi que a porta de entrada no canto da sala – suavemente, sem ruído – se fechava. Alguém acabara de sair da sala.

– Obrigada a todos por sua paciência – disse a presidente, e eu me virei novamente para o comitê. – Christopher, peço-lhe desculpas, você *estava* listado como número seis, mas tenho um rascunho anterior, manuscrito, e me confundi com a minha própria letra.

Christopher quem-quer-que-fose fungou alto e bom som, curvou-se para a frente em sua cadeira e começou a fazer sua

pergunta em uma voz suficientemente alta para alardear sua ignorância em genética fundamental.

O comitê interrompeu os trabalhos para o almoço cerca de vinte minutos mais tarde. Fui solicitada a participar depois da pausa, embora tivéssemos coberto a maior parte da minha área. Eles só estavam jogando no seguro, para não correrem o risco de voltar a me convocar mais tarde durante a semana e ter que pagar mais um dia dos meus custos. Funcionários e pesquisadores dirigiram-se para a porta de saída, enquanto eu me levantava e guardava meus papéis. Vários MPs já haviam se dirigido à sua saída particular, e o resto do comitê confabulava em voz baixa. A única repórter no banco da imprensa fazia anotações em seu bloco.

O corredor do lado de fora estava agitado – aparentemente, todos os comitês haviam suspenso os trabalhos mais cedo para o almoço –, e eu fiquei parada por um instante, imaginando se descia para o café do pátio ou deixava o prédio. Um pouco de ar fresco vai ser bom, pensei. Comer no mesmo café com os membros e seus convidados já há muito tempo havia perdido o sabor de novidade. Enquanto eu hesitava, o corredor esvaziou-se um pouco e, em um dos bancos do lado oposto, havia um homem. Estava sentado e falava tranquilamente a um telefone celular, olhando para mim. Quando ele viu que eu o havia percebido, encerrou rapidamente a conversa e logo enfiou o celular no bolso. Continuou olhando para mim enquanto se levantava. Se já nos conhecêssemos, seu olhar poderia estar dizendo *Ah, é você*. Mas não nos conhecíamos e então ele dizia algo inteiramente diferente – mas ainda assim com um elemento de reconhecimento. Retribuí o olhar e tudo foi decidido naquele instante, apesar de eu não ter entendido isso por muito tempo.

Esbocei um sorriso, virei-me para descer o corredor e o homem alinhou seus passos a meu lado, dizendo:

– Você foi muito eloquente lá dentro. Você é boa em explicar temas complexos. Muitos cientistas não conseguem fazer isso.

– Já fiz muitas palestras – respondi – e já tive que dar muitos depoimentos a instituições de financiamento ao longo dos anos. Você não pode correr o risco de fazê-los se sentirem idiotas.

– Não, certamente não seria uma boa ideia...

Eu não sei disso ainda, mas o homem é você.

Caminhávamos um ao lado do outro, como se fôssemos amigos ou colegas de trabalho, e a conversa entre nós era tão fácil, tão natural – um transeunte teria presumido que nos conhecíamos há anos – e ao mesmo tempo minha respiração ficou ligeiramente mais curta e eu me senti como se tivesse soltado uma camada de pele, como se algo, simplesmente os anos talvez ou uma reserva natural, tivesse desaparecido de mim. *Santo Deus*, pensei, *isso não acontece comigo há anos*.

– Você não fica nervosa antes de prestar depoimento?

Você continuou a falar comigo de maneira absolutamente normal, e eu o segui normalmente.

Descemos as escadas para o térreo e, sem que nenhum de nós em particular conduzisse o outro, ou assim eu pensei, atravessamos o pátio, até as escadas rolantes que descem para o túnel que leva ao prédio principal das Casas do Parlamento. A escada rolante era estreita, estreita demais para permitir que ficássemos um ao lado do outro, e você fez um gesto para que eu passasse primeiro. Tive a oportunidade de olhar para você, de observar seus grandes olhos castanhos, seu olhar franco, seus óculos de aro de metal um pouco retrô, ou talvez apenas antiquados, não

consegui chegar a uma conclusão, cabelos castanhos rebeldes, ligeiramente ondulados, com alguns fios grisalhos. Calculei que você devia ser alguns anos mais novo do que eu, mas não muito. Era bem mais alto do que eu, mas a maioria das pessoas o é. Como eu estava um degrau abaixo de você na escada rolante, naquele momento você parecia bem mais alto do que eu. Você sorriu para mim como se estivesse reconhecendo a tolice de tudo aquilo. Quando chegamos ao fim da escada, com uma única passada larga e firme, você voltou a ficar a meu lado, acompanhando meus passos. Você não era extraordinariamente bonito, mas havia algo atraente na maneira como andava, com suavidade e confiança. Vestia um terno escuro que parecia, aos meus olhos inexperientes, caro. Sim, havia algo em sua postura, no jeito de andar, que era atraente, uma espécie de graça masculina. Seus movimentos eram relaxados, você parecia descontraído, à vontade consigo mesmo – eu podia imaginá-lo mantendo a mesma postura em uma quadra de tênis. Tinha certeza de que você não era um MP.

– E então, você fica? Nervosa, quero dizer.

Foi somente quando você repetiu a pergunta que percebi que tinha havido um silêncio entre nós enquanto descíamos a escada.

– Não – respondi. – Não com essas pessoas. Sei muito mais do que elas.

– Sim, imagino que sim. – Você reconheceu meu conhecimento com um ligeiro aceno da cabeça.

Atravessamos o túnel em silêncio, passando pelo leão e pelo unicórnio de pedra, um de cada lado, até alcançarmos a colunata. Foi muito curioso. Caminhávamos, as pessoas passavam por nós, estávamos descontraídos juntos, de forma bastante fami-

liar – e no entanto ainda não havíamos nos apresentado. Sem nomes, sem formalidades – esse era o modo que você conhecia, vejo agora. Estávamos pulando etapas, estabelecendo que as regras usuais não se aplicavam e não se aplicariam a nós. Tudo isso só percebi em retrospecto, é claro.

Quando entramos na parte da colunata exposta a céu aberto do Jardim do Palácio Novo, estremeci e cruzei os braços. Parecia natural virar à esquerda, atravessar a Porta Norte e entrar no Grande Hall. Estava cheio naquela hora de almoço – estudantes, turistas circulando. Estávamos na parte aberta ao público do complexo parlamentar. À medida que atravessávamos o vasto salão de pedra, víamos, à nossa esquerda, as filas de visitantes por trás de cordas, à espera de acesso às galerias das Casas: um grupo de mulheres idosas, dois homens em capas de plástico, um jovem casal muito junto, voltados um para o outro, com as mãos enfiadas nos bolsos de trás dos jeans de cada um.

Na extremidade oposta do salão, paramos. Olhei para trás, para a porta que levava novamente para fora, o ar branco emoldurado como um quadro. Quantas vezes na vida chegamos a sentir atração instantânea por alguém que acabamos de encontrar, os olhos fixos um no outro, a súbita e esmagadora convicção de que este é alguém que estamos destinados a conhecer? Três, quatro vezes, talvez? Para muita gente, isso só acontece ao subir a escada rolante de uma estação ferroviária ou em uma loja de departamentos, enquanto a outra pessoa desce a escada rolante do outro lado. Algumas pessoas nunca chegam a ter essa experiência.

Eu me virei para você, e você olhou novamente para mim. Foi tudo.

Você fez uma breve pausa e, em seguida, indagou:

– Você conhece a Capela da Cripta? – Seu tom de voz era leve, coloquial.

Sacudi ligeiramente a cabeça.

– Gostaria de ir até lá?

Eu estava à beira de um precipício. Sei disso agora.

– Claro – respondi, descontraída, imitando seu tom. Reproduzindo o mesmo tom, costuma-se dizer. Fazemos isso o tempo todo.

Você inclinou ligeiramente a cabeça em minha direção.

– Venha comigo – falou.

Ao se virar, você colocou a mão em meu cotovelo, o mais delicado dos toques sobre meu casaco, direcionando-me, quase sem fazer contato. Mesmo depois que retirou a mão, continuei sentindo a pressão de seus dedos. Juntos, subimos os largos degraus de pedra na extremidade do imenso salão. No topo da escada, sob a glória dos vitrais do memorial, havia uma guarda de segurança, uma mulher corpulenta de cabelos crespos e óculos. Deixei-me ficar para trás enquanto você se aproximava e se inclinava para falar com ela. Não pude ouvir o que disse, mas ficou claro que você estava brincando com ela, que a conhecia muito bem.

Ao caminhar de volta para mim, você segurava uma chave presa a um retângulo de plástico preto.

– Lembre-me de devolvê-la a Martha ou vou ter sérios problemas – você pediu.

Viramo-nos. Eu o segui por um conjunto menor de degraus de pedra, passando por algumas grades de ferro preto até uma pesada porta de madeira. Você a abriu com a chave. Entramos. Ela se fechou atrás de nós com uma *batida* seca. Estávamos no topo de outro conjunto de degraus de pedra, agora muito es-

treitos, de uma escada em caracol. Você passou à frente. No fundo do vão da escadaria havia outra porta pesada.

A Capela da Cripta é pequena e ornamentada, seus arcos se curvam como galhos baixos de árvore, o teto é recoberto de arabescos dourados. Há grades de ferro forjado em padrões elaborados em frente ao altar e um batistério decorado com uma fonte – os membros do Parlamento têm permissão para batizar os filhos ali, você me diz, ou se casar. Não tem certeza sobre funerais. As paredes e o piso da capela são de azulejos, as colunas são de mármore. Parece um lugar pesadamente decorado, mas secreto – talvez por ser uma igreja subterrânea: adoração oculta.

Caminho pela nave e, ao fazê-lo, o vazio do lugar dissipa qualquer ideia de consagração. Não há bancos de igreja, apenas fileiras de cadeiras empilháveis. Parece abandonada. Meus passos ecoam. O ponto principal de uma igreja é que qualquer pessoa pode entrar a qualquer momento – esta é mantida trancada e aberta apenas para MPs. Você me segue pela nave, devagar, a distância, as solas de seus sapatos em passos macios. Ouço o contraste com o som agudo dos meus próprios saltos. Embora eu esteja de costas, você continua a falar comigo sobre a capela, como seu nome verdadeiro é Capela de St. Mary Undercroft, mas todos a chamam de Capela da Cripta. Suas paredes receberam muitas camadas de argamassa ao longo dos séculos, mas, no incêndio de 1834, o reboco caiu e a riqueza de sua decoração foi revelada, nada menos que grandes relevos esculpidos em cenas de martírio. E lá, acima de nós – ainda estou de costas, mas você me convida a olhar para cima – um santo queimado, outro afogado... São Stephen, santa Margaret, você explica. Você mostra as gárgulas pagãs. Barbárie, penso, barbárie medieval. Lembro-me

das férias que eu e meu marido passamos no norte da Espanha, onde cada pequena cidade parecia lembrar-se da Inquisição com seu próprio, muitas vezes ilustrado, museu da tortura. Mármore, azulejos, cantaria, inscrições em latim, todo aquele ritual da Alta Igreja – não, não sinto qualquer resquício de contemplação espiritual aqui, apenas uma leve curiosidade intelectual e – o que é isso, pergunto-me, girando devagar em um dos calcanhares... Percebo, enquanto me volto, que estou fazendo isso porque há silêncio. Estou me virando porque você não está mais falando, não há mais ruído de pés nas lajes. Já nem consigo ouvir sua respiração.

Você não evaporou. Não desapareceu, não se escondeu atrás de uma pilastra ou no batistério. Você está parado, imóvel, e está olhando para mim.

Também olho para você e sei, sem que qualquer um de nós diga nada, que este é o ponto em que o momento irá aflorar.

Seus sapatos, o som da sola dos seus sapatos, se movem, ecoam, aproximam-se. Quando você me alcança, ergue uma das mãos ligeiramente e é completamente natural que eu corresponda e também levante minha mão. Você a toma na sua. Você se apodera de mim. Você me conduz de volta pela nave, para os fundos da capela.

– Quero lhe mostrar uma coisa.

Passamos para trás de um biombo e ali há outra porta de madeira pesada, agora estreita e muito alta, em forma de arco.

– Entre primeiro, é um pouco apertado aí dentro – você diz.

Abro a porta – com algum esforço, é muito pesada. Por trás dela, há um pequeno quarto com um teto bastante elevado. Imediatamente à minha frente, há um armário metálico de um azul brilhante, como um armário de arquivos, mas com uma

grande variedade de botões e luzes elétricas. Ao lado, encostados a uma parede, estão um esfregão apoiado no cabo e uma escada de metal portátil. Para a esquerda, dezenas de grossos cabos elétricos revestidos de borracha estendem-se para cima, desaparecendo no teto.

– Este lugar era utilizado como quarto de material de limpeza – você diz, ao entrar atrás de mim.

O lugar é tão pequeno que você tem que se pressionar contra mim para podermos fechar a porta.

– Pronto – você fala.

Na parte de trás da porta, há uma pequena fotografia em preto e branco de uma mulher e, sob ela, uma placa de latão. Emily Wilding Davison. Estou virada para a placa, olhando para ela, de costas para você, que está logo atrás de mim, muito perto, tão perto que posso senti-lo, ainda que você não esteja me tocando. Você ergue a mão por cima de meu ombro e aponta para a placa. Seu hálito agita meus cabelos enquanto você fala.

– Ela se escondeu aqui na noite do recenseamento, 1911 – você diz.

– Sim, conheço essa história – falo rapidamente, sem me virar, apesar de não conseguir me lembrar dos detalhes. É a história de uma sufragista. Pertence a mim, não a você. Emily Wilding Davison jogou-se sob os cascos do cavalo do rei durante o Epsom Derby. Ela morreu para que mulheres como eu, que vivem neste país no começo do século XXI, possam usufruir de todos os seus direitos sem ter que lutar por eles. Votamos, trabalhamos, esperamos que nossos maridos descarreguem a lava-louça. Não temos que dar aos nossos maridos tudo que possuímos quando nos casamos. Nem sequer temos que nos casar com eles se não quisermos. Podemos dormir com quem

quisermos – dentro dos limites de nossa própria moralidade pessoal, naturalmente – tal como os homens. Ninguém mais nos arrasta para a praça da aldeia e nos apedreja, ninguém mais coloca instrumentos de tortura de metal em nossa boca por falar demais, nem nos afoga em um lago porque um homem que rejeitamos nos acusou de ser bruxa. Certamente, agora, estamos seguras, nesta época, neste país, estamos seguras.

Quando me viro para você, suas mãos seguem para cada lado de minha cabeça, seus dedos se entrelaçam em meus cabelos, e eu levanto as mãos e as coloco, de leve, na parte superior de seus braços enquanto você inclina minha cabeça delicadamente para trás, e fecho os olhos.

Beijamo-nos – sua boca macia, cheia, todas as coisas que as bocas devem ser –, e percebo que eu sabia que isso ia acontecer desde o instante em que coloquei os olhos em você no corredor do lado de fora da sala do comitê. Era apenas uma questão de como e quando. Você dá um passo à frente e se encosta em mim, de modo que sou pressionada contra a parte de trás da porta. A compressão lenta do meu corpo pelo seu tira o ar de meus pulmões e sou levada de volta, pela primeira vez desde os meus vinte e poucos anos, a uma vertigem desenfreada que só se sente quando um beijo é terno, mas tão esmagador que você mal consegue respirar. Não posso acreditar que estou beijando um completo estranho, penso, e sei que a minha descrença é metade da emoção. Não serei eu quem vai se afastar – continuarei beijando-o até você parar, porque esta sensação é completamente absorvente: silenciosa, os olhos fechados, todos os meus sentidos concentrados no roçar de nossas línguas. Todo o meu ser se resume em minha boca.

Então, depois de um longo tempo, você faz algo que me cativa completamente quando penso sobre isso mais tarde. Você faz uma pausa. Para de me beijar, afasta o rosto, e quando abro os olhos, vejo que você está olhando dentro deles. Você ainda tem uma das mãos com os dedos enredados em meus cabelos. A outra mão está apoiada em minha cintura, e você está sorrindo. Nenhum de nós fala, mas eu sei o que você está fazendo. Está examinando o meu rosto, como uma forma de verificar se tudo está bem. Sorrio de volta.

Ainda não sei quem foi o responsável pelo que aconteceu em seguida. Foi você, eu ou nós dois ao mesmo tempo? Minhas mãos se movem para baixo – ou você as empurrou para baixo? – onde o couro grosso de seu cinto se prende a uma fivela. Tento tirar o cinto, mas meus dedos tremem, o couro é rijo e inflexível, recusando-se a se mover da fivela. Você tem que me ajudar. Há outro momento desajeitado, quando você começa a puxar o meu decote. Ainda estou com o casaco e você não percebeu que, por baixo dele, não estou usando saia e blusa, mas um vestido. Você para e tira os óculos, largando-os no bolso do casaco e, enquanto o faz, eu me inclino, abro o zíper e tiro uma de minhas botas. Em seguida, inclinando-me outra vez, desajeitadamente porque ainda estou usando a outra bota de salto baixo, deslizo uma perna para fora da meia-calça e da calcinha. Quando você entra em mim, a sensação de pele contra pele é de delicada eletricidade, como a estática que se obtém de roupas recém-lavadas. A única parte nua de nossos corpos, o único ponto em que minha pele está em contato com a sua é dentro de mim. Ficamos calados.

Mesmo agora, a lembrança deste momento tem o poder de me congelar, no meio de um gesto, seja ele qual for, e me fazer

ficar olhando fixamente a meia distância, ainda perplexa ante a facilidade, a naturalidade com que algo que sempre me pareceu tão carregado de tabu ou convenções pudesse acontecer com o simples descarte dos impedimentos físicos de nossos corpos. Em um minuto, estamos nos beijando, e só isso já me parece extraordinário, no seguinte, estamos fazendo sexo.

Não gozo. Estou confusa demais. Acho que gosto, mas gostar não é a palavra certa. O que sinto é a mesma excitação ofegante que imagino que as pessoas sintam quando estão em parques de diversão, onde é possível ter prazer com o medo porque o perigo é ilusório; por mais medo que sinta, você está seguro. Eu vou com você. Sigo você. Estou terrivelmente assustada, mas sinto-me completamente segura. Nunca me senti assim antes.

Em seguida, ficamos parados por alguns momentos. Seu corpo ainda está pressionado contra o meu. Percebo que nós dois estamos ouvindo com atenção. Pergunto-me quantas chaves haveria para aquela capela. Estamos tentando ouvir o som de passos em um piso de azulejos, ou vozes. Tudo está em silêncio. Simultaneamente, exalamos ligeiramente, algo entre uma tosse e uma arfada de divertimento. Isso o afasta de mim. Você recua um passo, pressionando-se para trás no espaço minúsculo, coloca uma das mãos no bolso, recupera os óculos e em seguida me entrega um lenço de algodão. Você sorri para mim e eu retribuo o sorriso em agradecimento, colocando o lenço entre as pernas enquanto você se abotoa.

Você tem que ser o primeiro a deixar o pequeno quarto. Pegó minha bota e o sigo. Atravesso a capela, desgrenhada e mancando, a meia-calça e a calcinha ao redor de um dos tornozelos, uma das botas na mão, um lenço de algodão enfiado entre as pernas. Você pega uma das cadeiras para mim e me

ajuda a sentar, como um paramédico ajudando uma vítima de acidente de trânsito. Você recua um passo, fitando-me com um ar divertido, as sobrancelhas erguidas, e eu me levanto um pouco, largo a bota no chão para poder usar as duas mãos e puxar a calcinha e a meia-calça para cima, atrapalhando-me um pouco porque a perna da meia que foi tirada estava do avesso, e agora obviamente eu me sinto ridícula e isso me faz lembrar como, em todos os primeiros encontros, o despir é quente e sedutor, mas o tornar a vestir em geral é um constrangimento. Já faz tantos anos desde que tive um primeiro encontro, que já havia me esquecido completamente disso.

Quando me sentei novamente, você se ajoelhou a meus pés, sobre um dos joelhos, e pegou a bota do chão. Tenho um pensamento momentâneo e envergonhado de que a meia-calça que estou vestindo naquele dia não é nova. Em seguida, você enfia a bota no meu pé, fecha o zíper, ergue os olhos para mim com um sorriso, ainda segurando minha panturrilha com as duas mãos, e diz:

– Serve!

Sorriso também, coloco uma das mãos em seu rosto. Adoro o fato de você estar assumindo o controle porque agora estou tremendo. Você percebeu e posso ver pelo sorriso e seu rosto que isso o agrada. Você estende uma das mãos, coloca-a atrás da minha cabeça e puxa meu rosto para baixo, em sua direção, para um longo beijo. Meu pescoço dói depois de um momento, mas eu gosto, porque você está me beijando como se ainda me desejasse, e ambos sabemos que isso é desnecessário agora.

Em seguida, você se afasta e diz:

– É melhor devolvermos aquela chave a Martha.

Olho em volta à procura da minha bolsa e percebo que ela ainda deve estar no pequeno quarto – eu nem sequer me lembro de tê-la largado.

– Minha bolsa – digo, gesticulando. Você vai buscá-la para mim, depois fica parado à minha frente, observando enquanto eu remexo dentro dela. – Só um minuto – falo.

Procuo minha *necessaire* de maquiagem. Não tenho um estojo de pó compacto, mas a sombra antiga, que nunca uso, tem um pequeno espelho na tampa. Eu o seguro à minha frente e examino meu rosto em minúsculos círculos, como se estivesse procurando uma pista quanto ao tipo de pessoa que sou. Encontro o batom e o aplico levemente, esfregando os lábios. Sair da Cripta com um batom pesadamente reaplicado seria um pouco óbvio demais, penso, e fico surpresa com essa perspicácia. Alguém poderia até pensar que faço isso o tempo todo.

Quando levanto, minhas pernas ainda estão tremendo. Durante todo o tempo, você esteve me observando com uma expressão irônica no rosto, como se o divertisse ter me deixado tão desconcertada, observar o quanto estava sendo difícil me recompor na pessoa que se sente capaz de enfrentar o mundo lá fora. Você consulta o relógio.

– Tempo para um rápido café? – pergunta, mas o tom em que diz isso me sugere que só está querendo ser bem-educado.

Tenho a presença de espírito – e mais tarde me felicito por isso – de dizer:

– Na verdade, tenho algumas coisas para resolver fora do prédio e à tarde vou continuar minha apresentação.

Você faz uma careta de decepção, mas em seguida o celular toca em seu bolso e você o retira, vira-se de costas para mim, verifica a tela, pressiona alguns botões... Quando se volta para

mim outra vez, posso dizer que, para você, o encontro está terminado. A mensagem que acabou de receber o fez pensar na próxima coisa a ser feita.

Enquanto caminhamos em direção à porta, nossos passos agora ruidosos e determinados, o barulho de duas pessoas saindo, peço:

– Espere um segundo.

Você está um pouco à minha frente e posso ver que a parte de trás de seu casaco está amarrotada. Aliso-o para baixo com uma das mãos, dois golpes rápidos e eficazes. Você olha por cima do ombro quando faço isso e esboça um sorriso.

– Obrigado – diz, mas é um agradecimento distraído.

Você segura a porta aberta para mim ao sair. Eu a atravesso, mas, em seguida, dou um passo atrás para permitir que suba as escadas à minha frente. Você precisa emergir no mundo antes de mim, para que eu possa imitar a sua descontração, observá-lo enquanto você devolve a chave a Martha e, em seguida, me despedir de você e girar nos calcanhares. Conforme subimos as escadas, constato que seu casaco ainda está amassado e penso que, na próxima vez que vir um homem com casaco um pouco amassado, me lembrarei de hoje e me perguntarei o que andou fazendo. O que acontece é que a próxima vez que verei este mesmo terno cinza caro será no banco dos réus do Tribunal Número Oito, no Tribunal Penal Central, Old Bailey, EC1.